



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10386 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

Juventudes negras e brancas e suas identidades no espaço escolar

Sérgio Pereira dos Santos - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Fabrizia Christiane dos Santos - UFMT/Campus de Cuiabá - Universidade Federal de Mato Grosso

Juventudes negras e brancas e suas identidades no espaço escolar

Estudo sobre dinâmicas identitárias entre jovens negras/os e brancas/os numa escola pública estadual do município de Várzea Grande/MT. Indaga-se: quais são as referências, práticas e diálogos entre as identidades negras e brancas que permitem processos de percepção, interiorização e disseminação das identidades no espaço escolar? Utilizamos alguns aportes teóricos para entender categorias relações étnico-raciais, juventudes e educação antirracista. Indicou-se que as identidades são construídas no contexto da escola a partir de mecanismos de reprodução do racismo, como os “linchamentos psicológicos” e silenciamentos das contribuições negras. Indica caminhos de superação deste ao trazer as/os jovens como sujeitos que pensam e agem sobre esta realidade. A educação antirracista é mister para o comprometimento de pessoas brancas e negras destacando o papel institucional da escola na desnaturalização de uma visão estereotipada racialmente sobre a negritude e a branquitude.

Palavras-chave: Relações Étnico-Raciais. Juventudes. Educação Antirracista

Introdução

O texto trata de estudo, originada de dissertação de mestrado, sobre dinâmicas identitárias entre jovens negras/os e brancas/os numa escola pública estadual do município de Várzea Grande/MT. Partiu-se do questionamento de se saber quais são as referências, práticas e diálogos entre as identidades negras e brancas que permitem processos de percepção, interiorização e disseminação das identidades no espaço escolar?

A ideia de raça utilizada é compreendida como base para reconhecer as desigualdades raciais entre negras/os e brancas/os que se pautam numa hierarquia racial capaz de produzir privilégios materiais, simbólicos e psicológicos para brancas/os. Conforme Schucman (2014) a ideia de privilégios herdados e reproduzidos por relações étnico-raciais entre negras/os e

brancas/os, estas são construídas sobre uma ideologia racializada entre pessoas de distintas marcas raciais. Sendo assim, pretendemos perceber as dinâmicas identitárias que formam e permitem uma visão positiva ou não de si e do outro, dinâmicas a serem compreendidas através do que se chamou de branquitude e negritude, não sendo estes dois conceitos sinônimos.

Ao passo que podemos compreender negritude por Fanon (2008) como uma forma de desnaturalização da branquitude, pois problematiza a centralidade da cultura europeia como base da racionalidade, da estética e da cultura humana; a negritude, enquanto valorização da cultura e história da África, também permite, a partir de movimentos de lutas pela auto afirmação identitária de povos africanos e seus descendentes na diáspora, desconstruir uma visão determinista e estereotipada das populações negras, realçando a pluralidade das culturas e povos humanos ao invés de uma história eurocentrada.

Desse modo, o nosso objetivo é entender como as relações entre jovens negras/os e brancas/os no ensino médio, influenciam seus processos de (re)construções identitárias, como e se as suas relações permitem afirmações, negações e/ou negociações das identidades negras e brancas. Para isso, apresentamos e analisamos dados da pesquisa de campo acerca das compreensões para as questões levantadas acerca das construções identitárias de jovens negras/os e brancas/os no espaço escolar, considerando as expressões das/os participantes através das entrevistas, priorizando sempre suas contribuições a partir de seu pertencimento racial, considerando a diversidade de posicionamentos frente aos questionamentos.

Construções identitárias étnico-raciais

Neste tópico busca-se, apresentar algumas entrevistas que nos permitiram estabelecer alguns diálogos com uma discussão teórica pertinente.

Com relação aos jovens, a classificação foi mais diversa por parte das/os participantes:

“Na realidade assim, nossos estudantes, nós temos pouquíssimos... pessoas brancas, branca mesmo dos olhos, assim ahhh aqui a escola ela atende muito...nós temos diversas... vamos dizer assim, situações socioeconômicas, né? Daí é o grande Cristo Rei, e ainda nós recebemos alunos de toda..., vamos dizer assim, aluno que tem dinheiro, aluno que não tem dinheiro, aquele que é mais...você vê aluno que chega de carrão, que o pai vem buscar e você vê aquele pobrezinho né, você olha na roupa dele você vê que ele é carente” (Elizabeth, parda, 47 anos, diretora, 20/10/2020, grifos nossos).

Há a indicação da composição racial deste sujeito da pesquisa para já demonstrar como as relações étnico-raciais na escola pesquisada passa por diferentes interpretações se ditas por pessoas negras ou brancas, indicando que sua identidade étnico-racial influencia sua percepção não somente do outro, mas de si.

A questão é que a identidade étnico-racial de um sujeito interfere no modo como esta pessoa se vê e vê ao outro, (CUCHE, 1999), se posicionando dentro das relações raciais a partir desse lugar, com práticas que podem inclusive negar a existência de um problema racial, como notamos na fala de Elizabeth, diretora e branca. Ela enxerga que na escola “pouquíssimos são brancas” e a maioria na verdade é uma “situação econômica”, quase como dizer que raça equivale à classe, e que o problema de fato não é racial, mas sim econômico, o

que a aproxima de um viés de Donald Pierson, quando traz os argumentos dos marcadores de atributos de status, como renda, escolaridade, ocupação, família, etc. (PAIXÃO, 2014).

Para a jovem estudante Alice há mais características que tornam todas/os iguais e as diferenças que percebe não são motivos para que, pelo menos ela, seja tratada diferente, apesar de ver todo mundo junto e misturado também observa a existência de grupos.

“No meu ambiente escolar eu ser uma jovem branca eu creio que não influencia, porque aqui, pelo menos pra mim, como eu enxergo as pessoas, **tá todo mundo junto e misturado** praticamente. Então, quando tô aqui na escola, pelo menos, eu não fico olhando assim: “ – ai aquela pessoa ali é dessa cor, aquela é daquela cor. **Pra mim todo mundo é adolescente, né? Meninas e meninos. [...] Não é a raça humana? Não é todo mundo humano? Todo mundo é humano, a gente só tem cores diferentes, culturas diferentes, mas todo mundo é humano.** Porque nós não somos animais, somos humanos. Tá somos animais, porém racionais [...]. Eu acho que não tem uma diferença. Que eu sou igual, né? Outras meninas, né? Que também tem aqui, que são brancas e vai ter as meninas negras também, vai ter todo mundo de várias cores diferentes, cabelos diferentes e eu acho que não interfere, **porque aqui a gente tem a diferença. Só que é... você vê pessoas, cada uma no seu grupinho**” (Alice, branca, 18 anos, jovem, 06/11/2020, grifos nossos).

A fala de Alice é interessante por trazer uma percepção de diferenças físicas, culturais e sociais, como as raciais, etária, de gênero, porém não consegue relacionar essas diferenças com a formação de grupos raciais considerados desiguais. Nesta sua fala há também a negação da raça e do racismo como produtor de desigualdades entre os que são considerados humanos (brancos) e os que não são tratados como humanos (negros).

O que Alice afirma se repete entre as participantes brancas e que podemos recorrer a Piza (2014) que explica a identidade branca com a metáfora da “porta de vidro”, mas que mostra sua suposta invisibilidade ou neutralidade de diferentes formas. Acima, quando Alice traz elementos que equalizam as pessoas como adolescente, humano ou racional, ela toma um modelo de ser que é o dela, jovem branca como universal.

Ao discordar desse entendimento de igualdade racial, o professor Eder aponta:

“Eles têm muito **discurso pronto** né, que racismo não é legal, de que a gente, **nós todos somos iguais...** né essa palavra: **Nós todos somos iguais, está na boca de todos.** Brancos e negros, mas parar para refletir... nós todos somos iguais é uma resposta muito pronta na cabeça deles, mas essa resposta não significa que eles param para olhar situações e falar poxa, será que isso aqui está correto? Então, **essas ações de conscientização, da escola, são muito frágeis, muito frágeis porque os alunos já sabem que essa é a resposta que deve ser dada,** mas essa resposta não serve para que eles mesmos reflitam sobre as condições das relações sociais na qual eles estão inseridos” (Eder, negro, 30 anos, professor, 19/10/2020, grifos nossos).

A pesquisa teve como preocupação justamente compreender essas e outras noções relativas às relações étnico-raciais no contexto escolar e como influenciam as identidades dos jovens. A crítica presente na fala do professor Eder é pertinente e uma das estratégias de manutenção de desigualdades é negar as diferenças ou afirmar que essas não são base para relações desiguais, muitas vezes culpabilizando os indivíduos pelo seu “mau desempenho”, ou por se ‘vitimizar’ diante de oportunidades “iguais para todos”.

Trazemos outra fala de Viviane para reforçar a identidade de jovem negra que trabalha, e é no ambiente de trabalho que percebe sua identidade em comparação/oposição ao tratamento dedicado às mulheres brancas:

“No meu serviço tem duas mulheres brancas, estagiárias, eu e outra garota...**e eu e ela a gente é chamada por mulata... as outras são mulheres.** E quando um cliente quer elogiar a gente chama de mulata, **eu odeio essa palavra.** Sei... tem toda uma questão... eu não gosto...**eu não gosto e é diferente o tratamento né?** Minha com minha outra colega com as outras brancas... tem toda uma diferença... infelizmente[...] **A mesma coisa com relação ao fetiche... ah, porque é preta vai fazer melhor...** E as brancas, mesma coisa, mulheres brancas a mesma coisa. Acho que por eu ser mulher, eu sempre vou ser... **por ser preta sempre vou ser ativa, sempre vou ser a mandona** etc.. só que não é assim, existe toda uma relação e é **por isso que eu lido melhor com pessoas pretas... em relação à essas coisas lido melhor,** fica mais fácil pra lidar...Acho **porque a gente sabe na pele...** a gente sabe o que o outro passou, mesmo a gente não se conhecendo a gente sabe... **diferente de um branco... ele não vai saber**” (Viviane, negra, 17 anos, jovem, 28/10/2020, grifos nossos).

Assim, destaca-se a forma como ela se sente mal ao receber um tratamento que tenta inferiorizar suas características físicas, ao mesmo tempo em que supervaloriza mulheres brancas. Ela sabe que o termo mulata não é um elogio e percebe a forma hipersexualizada que seu corpo é nomeado e não tem dúvida que este tratamento é devido sua identidade étnico-racial, ela destaca que há diferenças evidentes nas identidades de jovens negras e brancas, as quais são um dos fatores para o maior índice de casos de abusos físicos e psicológicos de mulheres negras, com aumento no número de feminicídio entre mulheres negras em comparação com mulheres brancas.

Viviane parece ter consciência dessas formas de objetificar os corpos negros, ela identifica que tentam atribuir à ela comportamentos e qualidades de acordo com suas marcas fenotípicas, as quais ela não aceita e por isso escolhe nem se relacionar com pessoas que a tratam assim.

Gonzalez (1983) situa o termo mulata, no contexto das relações míticas da harmonia racial, onde os papéis da mulher negra nas relações raciais brasileiras são renomeadas e ressignificadas com o fim da escravidão, mudam-se os nomes, mas não se perde o perfil da objetificação de seus corpos possuidor de uma “malemolência perturbadora”. A autora aborda o fato de muitos homens brancos, assim como ocorria na casa grande, iniciarem suas vidas sexuais com mulheres negras, fetichizadas, enquanto as mulheres brancas seriam aquelas para se casar.

Para pensar as identidades de jovens brancas abaixo temos na fala de Alice e Elizabeth a dúvida e a crise de identidade:

“Eu acho, eu penso que eu sou parda,**porque assim não sou negra nem branca,** então está assim no meio. Então parda [...] **porque eu não sou uma branca legítima** vamos dizer assim, por que o branco, branco mesmo, de acordo com o IBGE, é aquela pessoa dos olhos claros, cabelo loiro. Esse é o branco. Não sou branca, branca, branca, então eu me vejo assim [...] **Porque se eu for me colocar como negra, a pesquisa do IBGE não aceita que eu sou negra...ah não você é parda**” (Elizabeth, parda, 47 anos, diretora, 20/10/2020, grifos nossos).

Elizabeth nos faz observar a existência de níveis ou graus de brancos, e elas por não serem brancas puras ou legítimas teriam maiores dúvidas ou ainda, como no caso de Elizabeth, nem se afirma branca, mas meio termo entre branca e negra, ou seja, parda. A

crise de identidade apresentada na fala dela nos leva a pensar sobre como as relações étnico-raciais no Brasil foram pensadas como um problema do negro, sendo que o outro negro possui uma identidade racial, e pessoas brancas não precisariam pensar sobre suas identidades.

Sem dúvida lembramos Freyre (1977) quando se trata justamente da miscigenação como um fator positivo na identidade nacional que impediria conflitos por sermos todos um povo só, conforme já debatemos acerca da harmonia racial, criticada por Fernandes porque, apesar da miscigenação, há sim uma classificação racial que distingue pessoas negras e brancas, e por essas diferenças foram exploradas durante a escravidão.

Considerações Finais

A pesquisa propõe que os estudos sobre as relações étnico-raciais no Brasil levem em consideração as identidades brancas, como também que no contexto escolar as/os jovens sejam ouvidos em suas interpretações e contribuições, e, que, além disso, a categoria raça seja base para avançar no sentido de uma educação antirracista.

Então, que a educação antirracista, enquanto política pública muito destacada na década dos afrodescendentes, seja resultada de mobilizações para denunciar relações étnico-raciais desiguais, portanto, é uma importante que as ações afirmativas se mostrem necessárias para o seu aperfeiçoamento e continuidade para a garantia dos direitos sociais para a população negra e para um país que se quer democrático.

Referências

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 18ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**. Anpocs, 1983, p. 223-244.

PAIXÃO, Marcelo. **A lenda da modernidade encantada: por uma crítica ao pensamento social brasileiro sobre relações raciais e projeto de Estado-Nação**. – 1.ed. – Curitiba, PR: CRV, 2014.

PIZA, Edith. Porta de vidro: entrada para a branquitude. In: CARONE, Iray. BENTO, Maria Aparecida Silva (Orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 6. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p.59-90.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo**. São Paulo: Annablume, 2014.

